

A NOÇÃO DE PHÝSIS APRESENTADA NA 'CARTA A HERÓDOTO' DE EPICURO

MARKUS FIGUEIRA DA SILVA

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: A *Carta a Heródoto* é um compêndio bastante sucinto destinado aos epicuristas de outra cidade, que já têm um determinado conhecimento da obra de Epicuro: o caráter mais importante desta epístola é a "simplicidade" do método que ela revela. Esta *Carta* se propõe fornecer, no domínio da física, isto é, da ciência dos fenômenos, os conhecimentos universais que permitem uma abordagem dos escritos sobre a natureza de modo geral e o estudo das coisas particulares, pois abriga o conjunto das considerações teóricas que fundamentam o estudo da física, livrando os critérios de toda explicação já proposta, e oferece os prolegômenos a todo estudo de um objeto de natureza particular no domínio das ciências físicas. Mais que isso, ela versa sobre os princípios válidos para o estudo e compreensão de *phýsis*.

A *Carta a Heródoto* é uma projeção do pensamento de Epicuro sobre os princípios essenciais da natureza. Sua finalidade é estabelecer o ponto de partida para uma Filosofia da Natureza.

Em primeiro lugar, a tranquilidade perfeita da alma depende de uma prática filosófica que consiste em pensar a *phýsis*, pois serve à maturidade como questões a serem desenvolvidas e aos ainda imaturos como fonte de tranquilidade da alma. Em segundo lugar, saber aplicar os princípios da natureza com rapidez e desembaraço é mais importante que o proveito imediato tirado da elucidação particular: a simplicidade anuncia a felicidade. Epicuro preocupa-se em favorecer àqueles que se integram num modo de vida filosófico e que necessitam de uma visão de conjunto acerca da *phýsis*. Lemos no início da *Carta*:

"... pois necessitamos freqüentemente de uma visão de conjunto, embora não aconteça o mesmo com os detalhes..." (Carta a Her. 35).

Esta visão de conjunto traduz-se pela compreensão filosófica do todo, compreensão esta que deriva necessariamente de um estudo sobre a *phýsis*, e de onde são tirados os princípios fundamentais da ontologia epicúrea. Diz a *Carta*:

"... com efeito, devemos voltar incessantemente à visão unitária e sintética, e memorizá-la de maneira a poder obter dela uma concepção fundamental para a compreensão das coisas..." (Carta a Her. 36)

Evidencia-se assim a necessidade de um pensamento acerca do todo; a possibilidade de uma apreensão filosófica da natureza, o que significa uma ontologia.

A construção dessa ontologia requer a compreensão de *phýsis* como espinha dorsal de um pensamento que busca articular o nível ôntico (das coisas particulares da natureza) e o nível ontológico (compreensão de natureza na sua totalidade). O modo como esses dois níveis se articulam torna-se claro no decorrer da *Carta*, mas para chegarmos a um entendimento correto será necessário seguir as prescrições metodológicas indicadas por Epicuro nos passos

37 e 38, pois elas são, em linhas gerais, pressupostos epistemológicos de sua física.

A começar pelo uso correto da linguagem e pela compreensão das idéias inerentes às palavras, o objetivo da argumentação é o de explicitar o sentido de se afirmar algo sobre a natureza enquanto fonte de pensamento. A isso se segue o que podemos entender por compatibilização entre as investigações e as sensações; ou seja, a busca de meios que possibilitem pensar com clareza os dados da percepção por via dos sentidos, e o que é imperceptível aos sentidos. São, portanto, dois modos distintos e complementares de compreensão da natureza das coisas, a saber: o conhecimento apreendido pela percepção (ou pelos sentidos); e o conhecimento que logramos obter acerca do que não é perceptível.

A conexão entre esses dois modos emerge da análise do termo *epibolé*, traduzido correntemente por 'apreensão'. Na ordem apresentada por Alain Renaut (Renaut, 1975), *epibolé* aparece como o quarto critério de conhecimento. Os três primeiros são: a sensação (*ásthesis*), caracterizada como ponto de partida do conhecimento e que coincide com o primeiro tipo de conhecimento apresentado acima (do que é perceptível); as prenoções ou antecipações (*prolépsis*), que é juntamente com a sensação e a afecção uma forma de percepção, mas que sustenta o pensamento discursivo ou reflexão. Elas são imediatamente evidentes e podem ser compreendidas como a memorização de um objeto externo, que vem claramente ao pensamento como 'imagem' das palavras; a afecção (*páthos*) do prazer e da dor - impressões que os sentidos causam sobre nós - e em virtude do que, caso sejam agradáveis ou não tais impressões, buscamos o objeto ou fugimos dele, procuramos conhecê-lo ou ignorá-lo; e, finalmente, *epibolé* ou o movimento do pensamento: a impressão tanto quanto a inteligência, uma espécie de representação intuitiva do pensamento que tem como objeto as coisas mais difíceis de conhecer - as coisas escondidas (imperceptíveis), como os átomos, seus movimentos, o vazio, etc...

Epibolé é uma espécie de "salto" a partir das sensações, para além delas. Num "salto" do pensamento, com a ajuda das sensações obtidas sobre o mínimo sensível, formamos em nós a representação intuitiva da existência necessária de um *minimum* no átomo. Este "salto" é a atividade própria da faculdade intelectual sobre a emergência da experiência sensível, porém excedendo essa experiência (cf. Renaut, 1975, p. 451).

Há no pensamento epicúreo dois sentidos para o termo *epibolé*: o primeiro é bastante preciso e serve para designar o quarto modo de conhecimento, que evidencia o movimento de projeção para além dos dados sensíveis; e o segundo é mais vago, mais geral e também mais freqüente, quando o termo se aplica globalmente à atividade do pensamento que combina as sensações, tira as conseqüências das afecções ou aplica as prenoções às sensações que a seguem. É neste segundo sentido que ele é freqüentemente apresentado na *Carta a Heródoto*.

Como foi dito acima, *ásthesis* e *epibolé* são complementares, pois a sensação deve ser tomada na empresa do pensamento para que este possa procurar algum discernimento sobre o objeto investigado.

Segue-se ao método descrito nos passos 37 e 38 a famosa proposição:

"... *nada nasce do nada (não-ser). Se não fosse assim, tudo nasceria de tudo e nada teria necessidade de seu próprio germe...*" (Carta a Her. 38).

A explicação dessa passagem implica na consideração de que se trata de um argumento caracteristicamente ontológico, já que nasce do pensamento acerca da mutabilidade, finitude e infinitude, do devir mutável e transformador das coisas. Tudo muda, mas a mudança ocorre somente no nível ôntico (das coisas particulares no interior do todo) mas o todo (o nível ontológico) é imutável:

"... *O todo é constituído de corpos e vazio. Com efeito, a existência de corpos é atestada por toda parte pelos próprios sentidos, e é nos sentidos que o lógos deve basear-se quando busca inferir o desconhecido partindo do conhecido...*" (Carta a Her. 39).

Essa passagem sugere o seguinte esclarecimento: a realidade é apreendida como *phýsis*, isto é, é constituída de substâncias - átomos ou compostos atômicos - que deslisam no espaço infinito (vazio). O todo é infinito, afirma Epicuro, pois os corpos são em número infinito e infinito é o vazio. Essa compreensão indica, em primeiro lugar, que não há recorrência à noção de transcendência (no sentido de que fora do todo exista algo que, nele penetrado, possa produzir qualquer transformação) no pensamento de Epicuro, o que afasta a possibilidade de concepção de um 'Deus' que seja exterior ao todo. A filosofia imanentista de Epicuro supõe no entanto uma pluralidade de mundos. Em segundo lugar, aponta para uma compreensão de *kósmos* como ordem imanente à natureza. O *kósmos* pode significar *phýsis* de maneira que possa expressar ordem infinita da natureza, e nesse sentido *phýsis* é pensada numa perspectiva macrocósmica.

Não havendo causalidade externa, o movimento do ser é uma necessidade sem determinação. O todo é *indeterminaóu* (*ápeiron*), mas a filosofia busca pensá-lo por analogia às percepções do mundo 'sensível'. O "salto" do pensamento é a tentativa de apreensão do ser na sua totalidade, que é interminada, no sentido único de incausada, e se expressa segundo uma determinada ordem dos corpos no extenso vazio, tendo por condutora a sensação (*áisthesis*) e por 'impulsão' as analogias estabelecidas entre a realidade sensível, o microcosmos e o macrocosmos. Essas três dimensões compõem a 'matéria' do pensamento de Epicuro acerca da natureza e indica como *phýsis* pode ser apreendida de múltiplas maneiras, sendo sempre uma só. As expressões de geração e de ordem se diferenciam no interior do interminado ser.

O passo seguinte da *Carta* remete à análise dos átomos e do vazio:

"... se aquilo que chamamos vazio e espaço, ou aquilo que por natureza é intangível não tivesse uma existência real, nada haveria em que os corpos pudessem estar, e nada através de que eles pudessem mover-se, como parece que se movem..." (Carta a Her. 40).

A análise da citação pode ser desmembrada em duas: a primeira mostra uma definição simples e fundamental do vazio - aquilo que por natureza é intangível e dotado de uma existência real: e a segunda o apresenta como condição necessária ao movimento dos corpos.

A definição opera com uma oposição entre as propriedades essenciais dos corpos e as do vazio. Os primeiros são passíveis de afecção, o outro não; os átomos têm o limite delineado pela figura e podem ser comparados uns aos outros, por serem múltiplos, o vazio é uma coisa só, sempre condição de movimentação dos corpos. Tal condição revela a complementariedade entre átomos e vazio. O vazio é espaço livre, constituição e deslocamento dos corpos. É o meio no qual se agregam e se desagregam compostos atômicos, onde os choques produzem ao acaso as diferenças óticas, a multiplicidade das coisas da natureza. A noção de acaso (*týkhe*) está pois interligada às possibilidades de deslocamento dos corpos e fundamenta a afirmação de que o todo é indeterminado, no sentido exposto acima. Ele é sempre o mesmo, ao mesmo tempo em que é efeito de suas próprias mutações, condições de natureza finita dos corpos, possibilitada pela demonstração da existência do vazio como uma necessidade.

Além dos corpos e do vazio, nada pode ser pensado, nem imaginado, seja por analogia ao perceptível ou não. Portanto, o estudo da natureza se inicia com a compreensão da natureza dos átomos e da natureza do vazio:

"... alguns corpos são compostos, enquanto outros são elementos de que se compõem os corpos compostos. Esses elementos são os átomos, indivisíveis e imutáveis, se é verdade que nem todas as coisas poderão perecer e resolver-se no não-ser; com efeito, os átomos são dotados de força necessária para permanecerem intactos e para resistirem enquanto os compostos se dissolvem, pois são impenetráveis por sua própria natureza e não estão sujeitos a uma eventual dissolução. Conseqüentemente, os princípios das coisas são indivisíveis e de natureza corpórea..." (Carta a Her. 40).

A idéia principal que resulta da análise dessa passagem é a de que os átomos se agregam por força (*dýnamis*) da natureza: integram-se num ser ou numa pluralidade de seres na natureza infinita.

O mundo, que conhecemos através dos sentidos, é formado desses corpos, que sofrem e causam constantes transformações, pois os átomos se movimentam sempre. Perguntamos: por que Epicuro dedica uma atenção maior aos átomos? Por serem elementos que possibilitam a composição, cuja indestrutibilidade é uma garantia suficiente diante da constante alteração dos corpos? A resposta só poderia ser positiva, pois nenhum átomo se extingue completamente; tudo se transforma segundo o próprio movimento de *phýsis*. Por serem indivisíveis e imutáveis, os átomos possuem as propriedades essenciais do ser. São o princípio material e último das coisas: não estão sujeitos à transformação; nem são possíveis de serem dissolvidos no não-ser, o que faz com que a constituição material total do ser se mantenha sempre a mesma.

Os átomos se agrupam devido a uma potência (*dýnamis*) própria de cada um (podemos compreendê-los como autárquicos), não havendo nenhuma causa exterior ao mundo e determinante dos agrupamentos. Se entendermos a física como Epicuro pensa a ética, poderemos nos valer da noção de *phillá* para explicar o ímpeto que produz o encontro (afecção) entre os átomos e a conseqüente formação dos compostos. Mas é preciso, antes disso, apresentar as propriedades dos átomos, expostas no passo seguinte da *Carta*:

"... além disso, os átomos, dos quais se formam os compostos e nos quais os compostos se dissolvem, não são somente impenetráveis, mas têm uma variedade infinita de figuras; com efeito, não seria possível que a variedade ilimitada dos fenômenos derivasse do mínimo limitado das mesmas figuras. Os átomos semelhantes de cada figura são absolutamente infinitos, porém, pela variedade de figuras, não são absolutamente infinitos, apesar de serem ilimitados diante da capacidade de nossa mente... Os átomos estão em movimento contínuo para toda a eternidade... Não há um início para tudo isso, porque os átomos e o vazio existem eternamente (Epicuro diz mais adiante que os átomos não têm qualidade alguma à exceção do tamanho, do peso e da forma, e que as cores mudam de acordo com a posição dos átomos. E acrescenta que os átomos não têm todos os tamanhos possíveis; seja como for, jamais um átomo foi percebido por um dos sentidos)".
(Carta a Her. 42-43)

Se operarmos por analogia com o plano sensível, no qual percebemos as afecções entre os corpos, talvez possamos compreender algo acerca do motivo pelo qual os átomos se combinam. Além do peso e da forma de cada átomo que se inclina naturalmente à composição segundo a semelhança, introduzimos a noção de *phillá*, pensada como uma espécie de 'conaturalidade' entre os átomos que se agrupam. Isso pode ser compreendido se considerarmos que aquilo que é de natureza comum em diversos átomos possibilita os agrupamentos baseado numa semelhança das propriedades naturais de cada um.

Do mesmo modo, o desagregar-se dos átomos acontece por uma causalidade física, que se explica também pela noção de afecção (*páthos*), porém não mais pela *phillá*, mas pelos 'choques casuísticos' que ocorrem e são responsáveis pelas transformações dos seres, desde a geração, passando pelo desenvolvimento e pela degeneração até o momento de dissolução de um corpo. No início há um 'encontro' entre os átomos e são configurados os compostos atômicos; depois estes compostos se dispersam e dão origem a outros corpos. Esses acontecimentos se repetem na natureza desde sempre e jamais será diferente.

Os átomos podem ainda estar, compactos, num agregado, ou protegidos dos choques com outros corpos por outros átomos que os rodeiam; nesse caso, explica-se a natureza fluida de determinados átomos (corpos).

Assim como foi possível projetar o pensamento até o nível microfísico da natureza (*phýsis*), do mesmo modo passamos agora a uma projeção que possa conduzi-lo no sentido

propriamente contrário, isto é, ao nível macrofísico. Estabelecendo analogia entre o sensível, o micro e o macrofísico, o pensamento salta além do perceptível e constrói uma ontologia, que primeiro pensa os elementos originários e, num segundo momento, estende o raciocínio ao infinito buscando a totalidade; a totalidade não é, no entanto, nada diferente do que já havia sido pensado no primeiro momento; isto é, átomos e vazio. Desse modo, fecha-se um círculo, que caracteriza o movimento do pensamento de Epicuro, ao mesmo tempo em que se demonstra uma unidade de *phýsis*.

Outras noções são essenciais para a compreensão dos modos de realização dos seres na natureza infinita; entre elas o tempo (*khronos*) tem caráter preponderante quando pensado numa relação direta com a percepção que temos acerca da formação e dissolução dos corpos. Lemos a seguir na *Carta* que, quando em movimento livre, os átomos têm velocidades iguais; mas, em virtude da presença de obstáculos ou resistências, as velocidades sofrem variações. Tais obstáculos são átomos que se interpõem à passagem de outros átomos, configurando assim o que chamamos 'choques'. Os choques dão origem aos compostos atômicos e são também a razão da decomposição dos mesmos. Quando livres, os átomos se movimentam num lapso de tempo inconcebivelmente breve, comparável ao movimento do pensamento.

O tempo pode ser percebido pelos sentidos quando os corpos compostos são objetos de uma percepção direta. Por outro lado, pode também ser apreendido através de uma *lógon theoría*, o que se dá apenas em nível intelectual e não pode ser posto em exame pelos sentidos, pois se trata de pensar as microestruturas dos corpos.

O que podemos entender das poucas palavras sobre o tempo expostas no passo 72 é que Epicuro busca uma simplificação do entendimento em relação ao tempo e afirma ser ele uma unidade de medida de uma sensação de duração. Neste sentido, o tempo, diferentemente dos outros incidentes, não entra na complexidade que nós percebemos; nós lhe atribuímos uma medida por relação a uma evidência autônoma e contingencial. Para expressá-lo, não é preciso criar uma terminologia especial, mas servir-se do vocabulário de que dispomos; nem inventar uma linguagem especial sob o pretexto de que é conveniente, mas pensar a evidência individual com o auxílio das percepções às quais nós o associamos: o dia; a noite; as afecções e seu cessar; o movimento e o repouso. Assim, ao invés de querer demonstrar o que não é passível de ser demonstrável, devemos refletir sobre a significação da ligação que estabelecemos entre o sentido interno e as percepções externas. (cf. Bollack, 1971, p. 59).

Um outro problema que toca a questão da sensibilidade e que contribui para a afirmação do materialismo de Epicuro é o modo como a alma (*psykhé*) é concebida. O pensamento de Epicuro, entendido em sentido amplo, trabalha a noção de *psykhé* de um modo próprio e contrário a outras compreensões presentes na obra de outros pensadores gregos. A *Carta a Heródoto* mostra a alma como um corpo no corpo, sendo formada de matéria e apresentando uma certa afinidade com o calor e com o sopro vital.

A *psykhé* é a causa principal da percepção, porém é impotente sem a proteção do corpo. Por outro lado, uma vez privado da alma, o corpo não registra nenhuma sensação.

O argumento mais importante em favor da materialidade da alma é aquele que mostra a impossibilidade de ela ser confundida com o incorpóreo que, numa aceção estrita, se reduz ao vazio:

"... de fato, o corpo não possuía em si mesmo tal faculdade, que lhe era suprida por alguma outra coisa, congenitamente afim a ele, ou seja, a alma que, com a realização de sua potencialidade determinada pelo movimento, produz imediatamente por si mesma a faculdade da sensação e torna participante o organismo ao qual, como já dissemos, está ligada por uma estreita relação de consenso e vizinhança..." (Carta a Her., 64)

A *psykhé* exerce uma força de vida sobre o corpo (força essa imanente ao corpo), o que torna inconcebível pensá-la fora do corpo. Eles (a alma e o corpo) são conaturais; juntos caracterizam uma vida individual. Epicuro dá um grande passo no sentido de romper com um certo sen-

timento 'religioso' de que determinadas correntes filosóficas estavam impregnadas, e de tratar a alma como um fenômeno na natureza (física).

"... além disso, quando todo o organismo se dissolve, a alma se dispersa e não tem mais as mesmas faculdades, e já não é móvel nem possui a faculdade de sentir..." (Carta a Her. 65)

Resta ainda considerarmos a perspectiva macrofísica do pensamento epicúreo sobre a *phýsis*, que tende a acentuar a existência de incontáveis mundos que permeiam o infinito vazio.

Os mundos, por serem criados, se explicam pela própria 'mecânica' de nascimento e desagregação, como os corpos. Isso se dá obviamente fora do registro da sensibilidade humana, assim como os átomos que só podem ser compreendidos por analogia com o plano sensível. Como afirma Epicuro no final do passo 78:

"... o caráter absoluto dessa verdade pode ser aprendido pelo pensamento..."

A filosofia de Epicuro origina-se da indagação acerca da *physis* e cria uma perspectiva de pensamento ontológico a partir de uma compreensão ôntica dela.

Assim, Epicuro pensa os mundos a partir das noções fundamentais de sua física: os átomos e o vazio. O *lógos* desvelador de *phýsis* é parte de um mesmo movimento, o movimento da própria *phýsis*. Filosofia é o modo pelo qual o homem se plenifica enquanto *phýsis* que se move na compreensão do todo. O homem pensa o que se põe além dos limites de seus sentidos, porque tem, por natureza, a *lógos theoría*, ou a possibilidade de estender o pensamento aos níveis microfísico e macrofísico. É deste último que trata especificamente a *Epístola a Pítoles*, uma síntese do pensamento epicúreo sobre os meteoros (os fenômenos celestes). Ainda na *Carta a Heródoto* há uma breve exposição acerca dos meteoros:

"... quanto aos fenômenos celestes, não se deve crer que os movimentos, as revoluções, os eclipses, o surgir e o pôr dos astros e fenômenos similares ocorram por disposição presente ou futura de algum ser dotado ao mesmo tempo de perfeita beatitude e imortalidade... Cumpre-nos, portanto, admitir que a necessidade e a periodicidade dos movimentos celestes ocorrem segundo a inter-relação originária desses aglomerados de átomos na gênese dos mundos..." (Carta a Her. 77).

Essa crença mostra a total recusa de crenças e mitos que pretendam explicar estes fenômenos. Além disso, aponta um dos princípios fundamentais da física epicúrea, que é o de uma necessidade própria à natureza - a de geração e corrupção dos corpos - sejam eles pequenos ou grandes, compostos atômicos ou mundos. Tal necessidade gera a interminação do ser. O universo é infinito e composto de matéria e vazio. E os mundos nele contidos vêm a ser e são finitos. Eterna é só a totalidade. Os mundos, os corpos, a alma estarão sempre submetidos aos choques casuísticos. É o movimento próprio da *phýsis*:

"... Portanto, em nossa investigação dos fenômenos celestes e de todos os fenômenos que não se enquadram no âmbito de nossos sentidos, devemos utilizar as nossas observações relativas à multiplicidade dos modos de ocorrência de um fenômeno terrestre análogo, e não devemos atribuir importância alguma às pessoas que não reconhecem o que existe ou passa a existir por uma causa única, nem aquilo que acontece por causas múltiplas, e não consideram que os fenômenos são observados à distância, e além disso

ignoram em que condições é impossível conservar a tranqüilidade da alma e em que condições é possível..." (Carta a Her. 80)

"... é necessário crer que os mundos e toda combinação finita nascem do infinito..." (Máximas e sentenças)

É próprio da filosofia lançar-se na compreensão ontológica da *phýsis*, do mesmo modo que é próprio do homem que é filósofo se colocar no limiar de realização de sua *phýsis*: a tranqüilidade de sua alma é consequência de sua compreensão acerca de *phýsis*.

RÉSUMÉ

La *Lettre à Hérodote* est l'abrégé des questions fondamentales de la physique qu'Épicure envoie à Hérodote et ses amis naturalistes qui pratiquent l'étude de la nature. Le caractère plus important de cette *Lettre* est la simplicité de la méthode qu'elle révèle. Le but de la *Lettre à Hérodote* sera donner la connaissance universelle des écrits sur la nature (*phýsis*) et offrir les prolégomènes aux études des objets particuliers dans le domaine des Sciences Physiques. Il s'agit de principes valides pour l'étude et pour la compréhension de *phýsis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BOLLACK, J. et alii. *La Lettre d'Epicure*. Paris: Éd. de Minuit, 1971.

CONCHE, M. *Epicure: lettres et maximes*. Paris: Éd. de Mégare, 1977.

EPICURO. Antologia de textos. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LAERTII, D. *Vitae Philosophorum: de clarorum philosophorum vitis, dogmatibus et apophthegmatibus*. C. Gabr. Cobet, Parisiis: Ed. Firmin - Didot, 1929.

RENAUT, A. Epicure et le problème de l'être. *Les Etudes Philosophiques*, Paris, nº 4, p. 435-465, 1975.

USENER, H. *Epicurea*. Stuttgart: Teubner, 1966.